

FATOS E NOTAS

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

(Questões correlatas).

Nem das cartas que Pero Vaz de Caminha e Mestre João escreveram de Pôrto Seguro em 1.º de maio de 1500 ao rei D. Manuel, dando notícia da arribada de Álvares Cabral ao Brasil; nem das cartas que o mercador e banqueiro Bartolomeu Marchioni escreveu de Lisboa a Florença em junho e julho de 1501, narrando a viagem do referido capitão-mor ao Brasil e à Índia; nem dos despachos diplomáticos de Giovanni Matteo Cretico e Domenico Pisani à Senhoria de Veneza, expedidos de Lisboa em junho e julho de 1501, descrevendo a viagem de Cabral ao Brasil e à Índia; nem da comunicação de D. Manuel aos Reis Católicos, datada de 28 de agosto de 1501, noticiando a viagem dêste capitão-mor à Índia e o achamento da ilha de Vera Cruz; nem do ato notarial de Valentim Fernandes, tabelião público de Lisboa, de 20 de maio de 1503, onde existem claríssimas referências sobre o encôntro de Pôrto Seguro por Álvares Cabral; nem da Relação do Pilôto Anônimo publicada na coletânea de Montalboddo em 1507 e intitulada **Paesi nuovamente ritrovati et Novo Mondo de Alberico Vesputio florentino intitulado**; nem da cartografia americana vetustíssima (Cantino, Cavério, King-Hamy, Kunstmann II e III, Pesaro, etc. etc.); nem das crônicas portuguesas que, só a partir de 1551, começaram a narrar a viagem de Cabral ao Brasil e à Índia; encontra-se, por mais aprofundadas que sejam as pesquisas, qualquer indício autorizando quem quer que seja a afirmar ter sido propositada a arribada do citado comandante da segunda armada portuguesa da Índia a Pôrto Seguro.

Considerações semelhantes a estas que ora fazemos, certamente as fêz o notável historiador português Malheiro Dias e, assim procedendo, não pôde deixar de, por amor à verdade, dizer o seguinte:

“Se não ficou documentada a intencionalidade da arribada de Cabral a Vera Cruz, isso deve-se, presumidamente, tanto à perda da carta de Pedro Álvares Cabral ao soberano, como a política de mistério que sistematicamente se applicou às navegações portuguesas no sentido do poente” (1).

(1). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1923, volume I, introdução, página XXIV.

Não vamos discutir aqui o processo *sui generis* dos historiadores portugueses procurar justificar a ausência de documentos em seus arquivos que provar possam prioridades portuguesas em descobrimentos marítimos, porque desse assunto se ocupou de modo brilhante o notável professor e historiador norte-americano Samuel Eliot Morison (2). Em todo o caso, seja-nos permitido uma pergunta: por que razão o govêrno português daquela época também não inutilizou as cartas que Pero Vaz de Caminha e Mestre João enviaram a D. Manuel narando a arribada de Cabral a Pôrto Seguro?

Não podendo os chivinistas portugueses apontar, como já dissemos, um único documento onde existir possa qualquer tópicico ou mesmo qualquer palavra provando a chegada intencional de Cabral a Pôrto Seguro, procuram à viva fôrça deturpar o significado de frases e até de simples vocábulo, com o escopo de provar o acêrto de sua extravagante opinião.

Assim, por desmedida vaidade nacional, trazem à discussão o significado do verbo **descobrir** dos cronistas quinhentistas; do advérbio **novamente** da carta que D. Manuel escreveu a 28 de agôsto de 1501 aos Reis Católicos, noticiando o retôrno de Cabral da Índia e fazendo referênciã à sua arribada ao Brasil; da expressão **mar de longo** da carta de Caminha; e do substantivo verbal **achamento**.

Vamos, pois, ver de que consistênciã são os argumentos a que recorrem tais historiadores e se êles merecem ser tomados na devida consideração em face de uma crítica ditada pelo bom senso.

O verbo descobrir.

Na época quinhentista, os cronistas e o govêrno português, em suas narrações e correspondências, usavam o verbo **descobrir**, quer no sentido de **busca propositada**, quer no de **encôntro casual**.

E' verdade que o verbo em aprêço foi usado, em maior número de vêzes, com o significado de **busca propositada** porque, nas suas viagens ao longo da costa ocidental da África até penetrar no Índico e atingir a Índia, como na procura das ilhas oceânicas da Madeira, Açores, Canárias, etc., quase sempre foram os nautas portugueses em busca de terras e ilhas de cuja existênciã tinham conhecimento prévio, ainda que vago ou errôneo, não só por tradições, por documentos inclusive os cartó-

(2). — *Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*, Cambridge, 1940, páginas 76 a 86.

gráficos, mas também pelas descrições dos vários viajantes — entre eles Marco Polo — que na Idade Média palmilharam parte do continente negro e da Ásia.

Querer daí concluir que tôdas as vêzes que deparamos com o verbo **descobrir** num texto quinhentista, está êle empregado sempre na acepção de **busca propositada**, é avançar em demasia no terreno sempre deselegante do sofisma.

Para não alongarmos muito estas simples notas, vamos dar aqui alguns exemplos do emprêgo, por autores quinhentistas, do verbo **descobrir** no sentido de **achar por acaso**.

Bartolomeu Dias sabia que a costa ocidental da África prolongava-se para o Sul, mas ignorava a existência do cabo da Boa Esperança e a necessidade de dôbrá-lo para poder penetrar no Índico. Encontrou-o casualmente.

Os cronistas narram tal feito marítimo do seguinte modo:

“E com esta determinação mandou continuar êste descobrimento por mar, por um Bartolomeu Dias que foi almoxarife dos armazéns de Lisboa, que mandou por capitão-mor a êste descobrimento, em que **descobriu** aquêlle mui grande e espantoso cabo **dos antigos não conhecido**: que agora se chama cabo da Boa Esperança, e passou avan-te cento e quarenta léguas até o rio do Infante” (3).

“No ano de 486, mandou el-rei D. João a êste descobrimento Bartolomeu Dias, cavaleiro de sua casa, com três velas, indo assim ao longo da terra poseram padrões de pedra, e **descobriu** o cabo da Boa Esperança e além dêle até o rio do Infante” (4).

Vasco da Gama não conhecia os baixios que denominou de **Pádua**, assinalados nas cartas modernas com a designação de **Munyal Par**. Encontrou-os casualmente na travessia de Melinde à Índia. Êste achado casual é assim relatado por Antônio Galvão:

“Foram a Mombaça e a Melinde, el-rei dêle lhe deu pilotos, que os poseram na Índia, na qual travessa **descobriram** os baixios de Pádua” (5).

Entre os nautas portugueses, não havia conhecimento prévio da ilha da Ascensão. Acharam-na por acaso. Vejamos como os cronistas quinhentistas narram o seu encôntro:

(3). — Fernão Lopes de Castanheda, *História dos Descobrimentos e Conquistas na Índia pelos Portuguezes*, Coimbra, 1833, livro 1, capítulo 1, página 6.

(4). — Antônio Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, Pórtq, 1944 páginas 130 a 131.

(5). — Antônio Galvão, *obra citada*, página 145.

“No ano de 1501 e mês de março, partiu João da Nova com quatro velas da cidade de Lisboa, e além da linha da parte do Sul em oito graus de altura **descobriram** a ilha a que poseram nome de Concepção e foram a Moçambique...” (6).

As ilhas de Tristão da Cunha estavam na mesma condição da ilha de Ascenção. Delas não havia conhecimento prévio, ainda que vago ou errôneo. Foram achadas casualmente pelo nauta português que lhes deu o nome.

Os cronistas quincentistas descrevem o encôntro dessas ilhas com as seguintes palavras:

“E indo na volta do cabo da Boa Esperança um domingo pela manhã houve vista daquelas ilhas que se agora chamam de Tristão da Cunha e assim lhe pôs nome por ser o que as **descobri**a, e estas estão na banda do Sul em altura de trinta e oito graus” (7).

“Esta armada em que haviam mil e trezentos soldados, partiu de Lisboa a seis dias de abril do ano já dito, e na viagem **descobriram** umas ilhas despovoadas de que atrás fiz menção a que poseram nome Tristão da Cunha” (8).

Era ignorada a existência das ilhas do Cabo Verde. Encontrou-as Antônio de Nolli. João de Barros (9) assim narra êsse descobrimento:

“Neste mesmo tempo achamos também que se **descobriram** as ilhas a que ora chamamos do Cabo Verde, por Antônio de Nolli...”.

As ilhas de Fernão Pó, São Tomé e Príncipe eram ignoradas dos nautas portugueses. Foram achadas em 1472. Antônio Galvão (10) refere-se a êsses descobrimentos do seguinte modo:

“No ano de 1471, mandou Fernão Gomes descobrir a costa, como se obrigara; e foram a isso João de Santarém e João de Escobar, e em cinco graus de altura acharam a Mina. E no ano seguinte, de 1472, **descobriu** Fernão de Pó a ilha que se chama como êle. E neste mesmo tempo foram **descobertas** as ilhas de São Tomé e Príncipe, que estão na linha...”.

(6). — Antônio Galvão, *obra citada*, páginas 149 e 150.

(7). — Fernão Lopes de Castanheda, *obra citada*, livro II, capítulo XXX, página 277.

(8). — Damião de Góes, *Chronica d'El Rei D. Manuel*, Lisboa, 1910, volume IV, página 78.

(9). — João de Barros, *Décadas da Ásia*, Lisboa, 1628, volume I, década I, livro I, capítulo I.

(10). — *Obra citada*, página 327.

O advérbio novamente.

Ao anunciar o descobrimento do Brasil aos Reis Católicos, D. Manuel se expressou nestes termos em sua carta de 28 de agôsto de 1501:

“O dito meu capitão com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas da Páscoa seguinte chegou a uma terra que **novamente descobriu** a que pôs nome Santa Cruz, em que achou as gentes nuas como na primeira inocência, mansas e pacíficas, a qual pareceu que **Nosso Senhor milagrosamente quis que se achasse porque é mui conveniente e necessária à navegação da Índia**, porque ali carregou suas naus e tomou água, e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das coisas da dita terra, sômente dali me enviou um navio a notificar-me como achara, e seguiu seu caminho pela via do cabo da Boa Esperança” (11).

E’ nossa opinião que a frase “**chegou a uma terra que novamente descobriu**”, do tópicó que acabamos de transcrever, em absoluto não pode servir para provar ter Cabral em 1500 **re-descoberto** o Brasil, como querem os chauvinistas portuguezes e os que lêm pela sua cartilha.

Naquela época era comumente empregada a expressão **novamente descoberta, novamente achada**, tanto em italiano como em espanhol, francês ou portuguez, para traduzir a idéia de **recentemente, há pouco, agora descoberta ou achada**.

Passamos a exemplificar:

A carta que Colombo escreveu a Luís de Santangel ou a Gabriel Sanches, annunciando a sua chegada após ter atingido a ilha de Cipango e a província de Cathay, foi publicada em Roma e em italiano, com o seguinte título: “Lettere dellisole che ha trovato **nuovamente** el Re Dispagna”.

No planisfério que Alberto Cantino mandou desenhar em Lisboa para Hercule D’Este, duque de Ferrara, mapa éste que menciona as descobertas de Colombo, Côrtes-Rerais, Cabral e a dos espanhóis no Novo Mundo, há no verso, parte superior direita, os seguintes dizeres: “Carta de navegar per le Isole **nuovamente** tovate in le parte de l’India dono Alberto Cantino al Duca Hercole”.

Em 1504 foi publicado em Veneza por Albertino Vercellese um folheto sôbre os descobrimentos realizados no Novo Mun-

(11). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, volume II, página 165.

do por Colombo e navegantes espanhóis, com o título: “Libretto de tutta la navigatione del Re de Spagna de le isole et terreni **nuovamente trovati**”

Entre 1505 e 1506, foi publicado em Florença a famosa **Lettera al Soderini**, descrevendo as quatro viagens de Vespucci ao Novo Mundo com o título: “Lettera di Amerigo Vespucci delle isole **nuovamente trovate in quatro suoi viaggi**”.

Francisco de Montalboddo publicou em Vicência, em 1507, uma coletânea de descrições de viagens e descobertas marítimas, incluindo a da América por Colombo, a do caminho da Índia por Vasco da Gama e a do Brasil por Cabral, intitulado êsse livro: “Paesi **nuovamente ritrovati** (12) et Novo Mondo da Alberico Vesputio florentino intitolato”.

Entre o período que decorre de 1552 a 1561, Bartolomeu de Las Casas escreveu a **Historia de Las Indias**, editada somente em 1875, em Madri. No volume II, página 2, existe a cópia de uma carta que a 5 de setembro de 1493, a rainha Isabel enviou a Colombo, a qual de início diz: “Don Cristobal Colón, mi Almirante del Mar Oceano, Visorey e Gobernador de las islas **nuevamente halladas en las Indias**”.

A referida coletânea de Montalboddo foi em 1515 traduzida para o francês com o seguinte título: “Sensuyt le nouveau monde et navigations faicts par Emric Vespuce Florentin. Des pays et isles **nouvellement trouvez** auparavant a nous inconreuz tant en l’Ethiope que Arrabie, Calicut et aultres plusieurs regions estranges”.

Em 1532 foram publicadas em Paris as **Décadas do Novo Mundo** de Pedro Martyr de Angleria que narra o descobrimento da América por Colombo e as viagens realizadas a êsse continente pelos navegantes espanhóis, com o seguinte título: “**Extrait ou Recueil des isles nouvellement trouves en la gran Mer Oceane au temps du Roy Despaigne Fernand et Elizabeth sa femme, faict premierement en latin par Pierre Martyr de Millan, et depuis translate en languaige francoys**”.

Ao fazer em 16 de janeiro de 1504 doação da ilha de São João (hoje Fernão de Noronha) a êste personagem, D. Manuel assim se expressou...

“...ilha de São João que ora **novamente achou** e descobriu cinqüenta léguas no mar da nossa terra de Santa Cruz...” (13).

(12). — O verbo italiano *ritrovare* significa *reencontrar* e também *encontrar*. Vide Giovanni Mari, *Vocabulario Hoepli della Lingua Italiana*, Milão, 1913, página 1788.

(13). — *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, Lisboa, 1892, página 460.

O advérbio **novamente** se origina do adjetivo **novo**. Este vem do latim **novus** e o emprêgo de **novus** com sentido de **recente** é muito comum e dispensa exemplificação.

Neste ponto temos a palavra soberana de Camões a sustentar esta nossa opinião no canto IX, estância 40, que diz:

“E pera isso queria que feridas
“As filhas de Nereo no Ponto fundo,
“D’amor dos Lusitanos encendidas,
“**Que vem de descobrir o Novo Mundo**”.

Nesta citação temos reunidos, o verbo **descobrir** e o adjetivo **novo**. Não nos deteremos com o verbo que já foi discutido. Tratamentos do adjetivo **novo** e cedemos a palavra a Faria e Souza, com o seu comentário sarcástico:

“Entram aqui los grandes cientes, i dizem que no era nuevo aquel mundo de la India: porque muchas edades antes era conocido, i fué dominado de varias manos. Bellissima ciencia. Quien te dixo o ciente, que el Poeta ignoró esso? El en mil lugares deste poema lo dize. I assi el nuevo mundo, está aqui en dos maneras: nuevo por ser **nuevamente descubierto** por el mar, i nuevo por ser nueva conquista para los Portugueses, etc.”.

Deduz-se do comentário que êsse **nuevamente descubierto** está empregado com o mesmo sentido de **recentemente descoberto** que se encontram nos outros exemplos que aqui damos.

Podemos ainda citar Camões em apôio da nossa opinião, pois no citado canto IX, estância 14, se lê:

“A noz, e o negro cravo, que faz clara
“A **nova ilha** Maluco, co’a canella,
“Com que Ceilão é rica, illustre e bella”.

A ilha Maluco **era nova**, porque fôra descoberta **recentemente**.

Para rematar. O advérbio **novamente** é reflexo do latim **nove** ou **noviter**, que aparece num dos tópicos da carta que Pietro Pasqualigo enviou à Senhoria de Veneza em 18 de outubro de 1501, dando notícia da viagem de Gaspar Corte Real à América setentrional. A passagem que nos interessa diz:

Estiam credeno conjungersi con le Antilie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei pagá, **noviter trovata** per le nave di questo re che andarono in Calicut”.

Se de fato, no caso de Cabral, o advérbio **novamente** significa um **redescobrimento**, como então se explica ter D. Ma-

nuel escrito aos Reis Católicos dizendo que **por milagre de Nosso Senhor** tinha o Brasil sido achado por êste capitão-mor? Se o nosso país era já conhecido dos nautas portugueses anteriormente à arribada do comandante da segunda armada portugueza da Índia a Pôrto Seguro, pela fôrça da lógica o milagre a que se refere D. Manuel não podia ter ocorrido quando da chegada de Cabral ao Brasil, mas sim anteriormente com a do nauta que o antecedeu..

Mar de longo.

Raphael Eduardo de Azevedo Basto, na notícia preliminar da edição de 1892 do **Esmeraldo de Situ Orbis** de Duarte Pacheco Pereira, escreveu a seguinte passagem:

“Pero Vaz de Caminha na sua carta datada de Vera Cruz, quando relata o desaparecimento da nau de Vasco de Ataíde, em 23 de março, sem haver tempo forte nem contrário, e ter o capitão-mor feito deligência para encontrar a dita nau, que não tornou a ser vista, diz mais — **e asy seguimos nosso caminho por este mar de longo** —, até terça-feira de oitavas de pascoa, que foram vinte e um dia de abril, que topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha (São Nicolau) obra de 660 ou 670 léguas”.

“Respeitando melhor opinião, parece-me que os trechos apontados da carta de Vaz de Caminha e do Roteiro de Duarte Pacheco podem servir de apôio à idéia atualmente debatida, de que o descobrimento da terra de Vera Cruz não foi devido a um mero acaso” (14).

Êste tópico da notícia de Azevedo Basto, foi o rastilho para os adeptos da tese da intencionalidade. Houve explosão de júbilo e o trecho da carta de Caminha — **e asy seguimos nosso caminho por êste mar de longo** —, foi julgado prova irrefutável do encôntro intencional do Brasil por Cabral. Porém, Capistrano de Abreu entendeu de contestar o citado passo do comentador do **Esmeraldo** com as seguintes palavras:

“O ilustre editor do **Esmeraldo** encontra provas da intencionalidade do ato (descobrimento do Brasil) nas seguintes palavras de Caminha escritas a propósito do desaparecimento da nau de Vasco de Ataíde: **e assim seguimos nosso caminho por êste mar de longo**. A estas palavras bem poderíamos opor a idéia de Fr. Henrique de que o descobrimento foi milagre da bandeira de Belém, isto é o que se pode imaginar de mais fortuito, por ser obra, não da humana, mas da divina vontade. Mas vol-

(14). — Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, 1892, página VII.

tando às palavras citadas pelo erudito editor: se Cabral não ficou parado, se não tinha terra à vista, se não era êle só a navegar, de que modo podia exprimir-se Caminha senão: e assim seguimos nosso caminho por êste mar de longo”? (15).

Diversos historiadores, tanto portugueses como nacionais, têm procurado explicar êsse tópico da carta de Caminha, cada um de acôrdo com as suas conveniências. Jaime Cortesão (16), por exemplo, escreveu 6 páginas em corpo 8 para justificar o seu ponto de vista favorável ao conceito de Azevedo Basto. Na nossa opinião, quem com poucas palavras e com imparcialidade de norte-americano liquídou o assunto, foi o notável historiador de Chicago, William B. Greenlee, na sua monumental monografia sôbre a viagem de Alvares Cabral, editada em Londres em 1938 sob o título: **The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India.**

Diz Greenlee o seguinte a propósito do tópico em tela:

“A expressão de longo é também usada por Caminha quando êle se refere à navegação de longo da costa, ao longo da costa, depois da chegada ao Brasil. Isto, portanto, não tem significação especial, ainda que alguns escritores tenham tentado **identificá-la com longitude, indicando um rumo ao Oeste.** A expressão geralmente usada naquela época para longitude era **direção Este-Oeste.** A longitude do mundo foi empregada por Ptolomeu, porque o mundo conhecido na época era mais extenso nesta direção” (17).

Duarte Pacheco Pereira no final do capítulo VIII do **Esmeraldo de Situ Orbis**, reforça a opinião de Greenlee quando diz:

“E os graus de longura se contam de ouriente em ocidente, a que os marinheiros chamam leste e oeste, e por ser difícil poderem-se saber, por não terem ponto firme e fixo como são os polos que tem a landeza, não curo de nisto mais falar” (18).

Quando a frota de Cabral já se achava à vista do litoral brasileiro, Caminha na fôlha 2 de sua carta escreveu:

“Fomos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos que seguissem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem”.

-
- (15). — Capistrano de Abreu, *O Descobrimento do Brasil*, Rio de Janeiro, 1929, página 159.
- (16). — Jaime Cortesão, *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal Limitada, 1943, páginas 259 a 265.
- (17). — William B. Greenlee, *The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India*, Londres, 1938, página 6, nota no rodapé número 4.
- (18). — *Esmeraldo de Situ Orbis*, edição da Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1954, páginas 38 e 39.

E na fôlha 7, verso, usou de novo da expressão **de longo**, do seguinte modo:

“E então o capitão passou o rio com todos nós outros, e fomos **pela praia de longo**, indo os batéis, assim, rente da terra”.

Nas frases citadas, tanto na primeira como na segunda, a expressão — **de longo** — corresponde ao usual — **ao longo** —. Êstes dois tópicos na carta de Caminha evidenciam o acerto da opinião de Greenlee.

Referindo-se ao descobrimento do cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias, empregou o cronista Antônio Galvão a expressão **ao longo** de modo a evidenciar que não há a menor diferença entre essa expressão e aquela **de longo**, quando diz:

“Bartolomeu Dias, cavaleiro de sua casa, com três velas, **indo assim ao longo da terra**, posseram padrões de pedra...” (19).

Convém pôr aqui em destaque que, na época quinhentista, não era privativo dos escritores portugueses, à semelhança do que fêz Caminha em sua carta, o emprêgo da expressão — **de longo** — com o significado de — **ao longo de**. Também os italianos assim procediam, tanto que na referida coletânea de Montalboddo intitulada **Paesi Novamente Ritrovati** etc., **Libro Secundo**, capítulo LXVIII, deparamos com êste tópico:

“Quella terra e molto populata e in essa vedeno di molta zeta: e allora levamo anchora e andavemo **di longo di terra** cõ bon tempo e vedemo grãdi fiumi molti animali in mõi che tuto era habitato”.

E mais adiante, no capítulo LXIX, encontramos êste passo:

“...e mando che si facesse vela al camino de Melinde e trovão **de longo de la costa** molte isole populate de mori...”.

O substantivo verbal achamento.

Comentando a carta de Pero Vaz de Caminha, a filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos assim se manifestou sôbre o substantivo verbal **achamento** usado por êste escrivão:

“De propósito conservo o têrmo **achamento**, um tanto antiquiado, de que o Epistológrafo se serviu por quatro vêzes: não sômente na lacônica introdução sôbre a via-

(19). — Antônio Galvão, obra citada. Pôrto, 1944, páginas 130 e 131.

gem realizada de Belém a Cabo Verde e de lá até a terra nova de Vera Cruz mas (a. f. 9 e 11) nas referências ao Conselho dos Capitães e aos Sermões, hábilmente pregados por Frei Henrique Soares. **Descobrimientos** e sôbre tudo **achados** podem ser casuais. **Achamento**, pelo contrário, é ação praticada por quem antes **procurou**, fiado ou não no axioma bíblico, popularizado como provérbio entre tôdas as nações” (20).

Quem todavia analisa a série enorme de documentos existentes sôbre o descobrimento do Brasil, inclusive os cartográficos, portanto quem encara esta questão debaixo do ponto de vista não só filológico mas também histórico, não pode acompanhar, por maior boa vontade que tenha, a opinião de Carolina Michaëlis em se tratando do significado do vocábulo **achamento** da carta de Caminha.

De fato. Em Portugal onde a tese do descobrimento intencional do Brasil é dogma, mereceu contestação êsse conceito de Michaëlis sôbre o referido substantivo verbal. Manuel de Souza Pinto fazendo em maio de 1934 no Instituto de Altos Estudos, da Academia das Ciências de Lisboa, uma conferência sôbre Pero Vaz de Caminha e a carta do achamento do Brasil, trabalho êste onde o autor revela invulgar erudição, responde do seguinte modo a Carolina Michaëlis:

“Pero Vaz de Caminha começa por dizer ao Rei que lhe vai dar conta da “nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação achou”. Do emprêgo da palavra **achamento**, que aparece na Carta mais duas vêzes quis D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos extrair argumentos a favor da intencionalidade do descobrimento. **Descobrimientos** e sôbre tudo **achados** podem ser casuais. **Achamento**, pelo contrário, é ação praticada por quem antes **procurou** — fiado ou não no axioma bíblico, popularizado como provérbio entre tôdas as nações”.

“E’ certo o “procura e acharás”, mas também **acha** a pessoa a quem se depara alguma coisa **inesperada**. Ao substantivo verbal **achamento** que D. Carolina Michaëlis “considera um tanto antiqüado”, corresponde hoje o adjetivo substantivo **achado**, que a inolvidável Mestreira é a primeira a reconhecer como podendo ser casual. Quando dizemos “um **achado**”, referimo-nos a um **acasó**. Ao escrever **achamento** e **achou**, Caminha parece querer traduzir essa idéia. Opõe até **achamento** a descobrimento numa outra referência ainda mais concludente. Narrando no

(20). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1923, volume II, página 86.

Domingo da Pascoela, o conselho dos Capitães diz “e, tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau por mandado do capitão-mor, com os quais se êle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos se nos parecia ser bom mandar a nova do **achamento** desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor **descobrir**, e saber dela mais do que agora nos podíamos saber, por irmos de nossa viagem”. Reconhecia, portanto, o cronista que ao **achamento**, **imperfeito**, devia seguir-se um **descobrimento** mais completo” (21).

Depois de outras considerações, Souza Pinto transcreve aquêlê conhecido passo da carta de D. Manuel aos Reis Católicos dando notícias da viagem de Cabral a Calicute e fazendo referência ao descobrimento do Brasil que diz:

“la cual (tierra) parece que nuestro Señor milagrosamente quise que se hallase” (22).

E comenta:

“Hallar equívale a achar. Que o vocábulo não implica fatalmente intenção, atesta-o a referência que na mesma carta se faz de Sofala, “que es mina de oro que nuevamente se hallo”. Ao **achamento** de Pero Vaz correspondia a antiga forma castelhana **hallamiento**, depois **hallazgo**. Na versão quinhentista da Carta de D. Manuel, publicada por Eugênio do Canto, encontra-se várias vêzes o verbo **achar**, mas não **achamento** “o dito meu capitão com trezes naus partiu de Lisboa a 9 dias de março do ano passado e nas oitavas da páscoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pôs o nome de Santa Cruz em que **achou** as gentes nuas como na primeira inocência, mansas e pacíficas a qual pareceu que nosso Senhor milagrosamente quis que se **achasse** porque é mui conveniente e necessária à navegação da Índia porque ali corrigiu suas naus e tomou água e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das coisas da dita terra sòmente dali me enviou um navio a me notificar como a **achara** e fêz seu caminho via do cabo da Boa Esperança, etc.” (23).

“O que D. Manuel considerava milagre de Deus foi o tema da peroração de Frei Henrique de Coimbra ao pre-

(21). — Manuel de Souza Pinto, *Pero Vaz de Caminha e a carta do achamento do Brasil*, Lisboa, 1934, páginas 40 a 43.

(22). — Texto em espanhol segundo Navarrete, *Collección de los viajes*, etc., volume III, páginas 94 a 101.

(23). — A carta de D. Manuel a Fernando e Isabel, em português quinhentista, a que se refere Souza Pinto, é encontrada por cópia no Arquivo do Estado em Veneza e foi publicada na *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, volume II, páginas 165 a 167.

gar aos portugueses, no Brasil, em Domingo de Pascoela: “Acabada a missa, devestiu-se o padre, e pôs-se em uma cadeira alta, e nós todos lançados por essa areia, e pregou uma solene e proveitosa pregação da história do evangelho e em fim dela tratou de nossa vinda e do **achamento** desta terra conformando-se com o sinal da cruz sob cuja obediência vimos, a qual veio muito a propósito e fêz muita devoção”.

Capistrano de Abreu nota que a tese de Frei Henrique convenceu Caminha, e que êle

“mais de uma vez em tudo vê a mão divina”.

Somos de opinião que Souza Pinto esclareceu convenientemente o significado do substantivo verbal **achamento** da carta de Caminha, dando fim a um sofisma verdadeiramente pueril.

Como acaba de ver o amigo leitor, trata-se de questões de **lana caprina**, mas que não podemos deixar passar em branca nuvem por amor à verdade.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

da Sociedade de Estudos Históricos e da Société des
Américanistes de Paris.